

**E** ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)



# Sumário



1. COMPREENSÃO	8
Feminismo:	
diga seu nome. Identifique-se	9
O que é, o que é?	12
É bom saber	28
Construindo o futuro	35

2. ATENÇÃO	40
Emergência: contra a violência	41
Frente de batalha	49
A mulher, vítima, busca a Justiça.	
Precisa encontrá-la	52
Ansiedade ou saúde	57
Sangue, calores, dores	61
Ter ou tirar?	66
Tem de casar? Ter filhos? É obrigação?	71
Velhas de guerra	75
3. AÇÃO	78
Feminismo x machismo	79
Feminismo sob ataque	84
“Sou feminista”	87
Sem submissão, inflexões e reflexões	90
“O que é que elas estão querendo mesmo?”	92
Femininas e feministas	94
Comunicação e a guerra da linguagem	98
O outro lado: para mudar de ideia	101
Grita mais alto quem tem a razão?	107

4. MOVIMENTAÇÃO	110
Política feminista, feministas na política	111
Mexeu com uma, tem de mexer com todas	119
#Nãoénião, #metoo, #eutambem: contra o assédio sexual	122
O feminismo em tempos digitais	130
“Mulheres fortes transpiram”	138
5. CONVÍVIO	142
Separação de papéis	143
A criança feminista	149
A dona de casa feminista	151
A profissional feminista	154
As jovens “modernas” e “descoladas”	156

1

Compreensão

FEMINISMO:  
DIGA SEU NOME.  
IDENTIFIQUE-SE

*Feminismo.* Está entre nós, espalhado, misturado. Demorou, caminhada longa. Vem ainda se moldando lentamente nesta passagem, adequando-se ao tempo, aos costumes, mas já está muito bem instalado. Agora o que precisa é que seja compreendido em sua plenitude. Que seja bem entendido, por homens e mulheres, porque não diz respeito só a um ou ao outro. Diz respeito a todos. Só assim poderá seguir seu caminho, desenvolvendo-se para a construção de uma sociedade justa, com oportunidades iguais, em que homens e mulheres não só convivam pacificamente, como também edifiquem juntos os alicerces fundamentais para o futuro. Não há mais volta aceitável nas conquistas do feminismo, a cada dia mais importantes e reconhecidas, e, sem as quais, acredite, não haveria qualquer possibilidade de progresso, bem-estar social, desenvolvimento humano ou justiça. Até mesmo a própria humanidade não poderá assim ser chamada enquanto a mulher for tratada como inferior.

O feminismo faz parte de nosso dia a dia, de nossa existência, de todos nós, homens, mulheres e crianças – estas, inclusive, desde cedo, devem ser orientadas e educadas já sob esse novo prisma, sedimentando a cultura da diversidade, da igualdade de gênero, do respeito entre as pessoas, das liberdades individuais, dos direitos humanos.

Precisamos lembrar momentos nos quais a luta feminista, a participação das mulheres, só elas ou ao lado dos homens, foi fundamental, inequívoca, conseguindo mudar os rumos da História. Recordaremos aqui alguns fatos, anseios, passagens, o enredo de como o feminismo mudou e mudará cada dia mais a cara da sociedade, mesmo que em seu nome se gerem ainda tantas controvérsias, em grande parte frutos da incompreensão.

Vamos transitar do entendimento ao convívio, ressaltar o que falta, as ações mais emergenciais, as movimentações e as observações de como se dá a jornada feminista. Veremos algumas das grandes questões e temas que afetam a todos, mas inicialmente ligados

à condição feminina. O que as mulheres têm de tão igual e, ao mesmo tempo, de tão diferente que se faz necessário desenvolver políticas específicas, focadas, dirigidas a elas. E, finalmente, as propostas para que comportamentos e valores culturais ultrapassados sejam modificados.

Tratar da necessidade diária do feminismo é tratar de episódios e situações conhecidos por todos, por vezes na própria carne, difíceis, vivenciados por alguém da família ou amigo. Como dizem, na teoria, a prática é outra. Então, sem muita falação sociológica, citações ou teses, porque comentaremos a vida, a realidade. Este livro não é um estudo sobre o feminismo. É uma constatação. Um registro, não completo, porque seria quase impossível, mas tão abrangente quanto pode ser. Aqui, o mais próximo do dia a dia.

O feminismo no cotidiano.



## O QUE É, O QUE É?

O feminismo deve ser compreendido a partir da realidade, evitando levar em conta posições de antemão desafetas, de política de lá e de cá, fato que infelizmente tem provocado muita confusão, e não só no Brasil. É chegada a hora de todos se desarmarem de preconceitos. Todos. Homens e mulheres, inclusive as feministas. Isso não é uma guerra. Não é uma disputa, embora estejam em jogo espaços, terrenos, mas que não são só físicos. São culturais, sociais, filosóficos, de convivência. Não pode haver lados, não há contrários. Devem ser descartados os atritos que afloram de tal forma que prejudicam o bom entendimento, especialmente quando se tenta colar conotações falsas, irreais, sem sentido, e algumas, até mesmo, cruéis ao feminismo, que, desde o início – quando as mulheres começaram a se unir para reivindicar consideração e respeito –, precisou guerrear.

As coisas são bem mais simples, lógicas. O feminismo é um ideal e um movimento real, uma forma

de pensamento e busca de ação abrangente para promover cada vez mais a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Igualdade essa que, na prática, deveria já estar reconhecida e se manifestar com naturalidade em todos os campos – políticos, filosóficos e sociais. Mas, como isso não ocorre, ainda é necessário apontar, ressaltar, reunir, aparar as arestas até que o equilíbrio se estabeleça.

Feminismo é conhecimento e, acima de tudo, uma prática diária, constante, que precisa ser exercida de forma saudável e tranquila tanto por homens quanto mulheres. Requer respeito. Defende as mulheres, sim. Mas, na verdade, defende a todos: se as mulheres não forem plenas, os homens também não o serão.

Quem ainda pode ser contra a participação ampla das mulheres na sociedade? Quem ainda pode ser contra que elas possam exigir respeito, consideração e igualdade de direitos, inclusive salariais, com ganhos iguais aos dos homens nas mesmas funções? Quem pode negar às mulheres a possibilidade de se expressar livremente? Quem pode

fechar os olhos para as situações nas quais as mulheres são as principais vítimas? Por que ainda negar-lhes o poder de decidir sobre seu próprio corpo?

Para começar, homens e mulheres podem e deveriam se declarar feministas.

A sociedade justa precisa ser construída por todos. “Feminista” é um bom adjetivo para se definir, para chamar alguém, seja mulher ou homem. Acredite.

Entendendo sua essência e sua história, será possível aprender cada vez mais e, enfim, ter orgulho de se definir como feminista.

Surgido no século XIX, o feminismo, inicialmente, concentrou sua luta por direitos políticos como o sufrágio, o voto feminino e pelo direito à escolaridade em igualdade de condições com os homens.

A “Segunda onda” – como ficaria conhecida a subsequente fase das lutas feministas – ganhou força na década de 1960 no mundo e no Brasil. Entre os anos 1960 e 1980, impulsionaria o surgimento de diversas organizações feministas. Os problemas específicos que afetavam as mulheres passaram

a ser debatidos com mais envolvimento e interesse político. As lutas se ampliaram quando ficou claro que era preciso assegurar às mulheres maiores oportunidades também no mercado de trabalho, garantir a existência de creches onde elas pudessem deixar seus filhos em segurança quando saíssem de casa para trabalhar, alertar para o direito a salários iguais no desenvolvimento das mesmas tarefas. O feminismo dessa época ainda deu voz a discussões como a desigualdade racial, a falta de representatividade feminina na política, a necessidade de ampliação de direitos legais, muitos negados à mulher, e a vontade de repartir com os homens o trabalho doméstico. Exigiu inclusive novas leis e mais atenção do Estado às demandas femininas.

Graças a essa luta, maiores direitos acabariam sendo garantidos por lei. Por

exemplo, a obrigatoriedade de creches em empresas e estabelecimentos em que trabalhem pelo menos 30 mulheres com mais de 16 anos de idade, assim como a obrigação de manter local apropriado para amamentar. A exigência pode ser suprida de diversas maneiras conforme as condições de cada local. Outra vitória legal foi o Estatuto da Mulher Casada, de 1962, que modificou a condição das esposas, antes consideradas “relativamente incapazes” – o que fazia delas dependentes da autorização de seus maridos para trabalhar, realizar transações financeiras e fixar residência. Sim, o feminismo buscava resgatar as mulheres de suas vidas ainda comandadas pelos homens, pelos seus ditames.

A “Segunda onda” foi fortalecida em um momento de convulsão social e revolução cultural que ocorria em várias partes do mundo. Integrou-se à interessante busca essencial das liberdades individuais e do comportamento. Era a época do “amor livre” (das amarras do casamento

tradicional), do “paz e amor” (contra as guerras que grassavam pelo mundo). Os costumes passavam por profundas e marcantes transformações no sentido de maior liberdade individual. O feminismo, no meio de tudo isso, precisava chamar a atenção, derrubar muros, iluminar mentes, apontar injustiças, exigir o cumprimento das novas diretrizes.

Na América Latina politicamente conturbada da época, ditaduras militares instaladas, forte repressão, mortes, torturas, luta armada, guerrilhas urbanas e rurais. O feminismo no Brasil acabou se unindo às lutas comuns pela libertação e pelas pautas sociais contra a ditadura militar, aproximando-se, então, de movimentos e partidos de esquerda. Por conta disso, também durante muitos anos, o movimento manteve-se bastante “engolido” em várias de suas reivindicações específicas, ligadas, diretamente, à condição feminina, como o direito ao aborto, à sexualidade, ao prazer, entre outras, que eram consideradas “burguesas”, contrarrevolucionárias. “A luta é uma só” – era o mote de várias organizações de esquerda.

Só nos meados dos anos 1970, coincidindo com a instituição, pela ONU, do Ano Internacional da Mulher, em 1975, o feminismo começou a reaver seus caminhos e conceitos específicos. Vários grupos exclusivamente femininos foram formados em associações e sindicatos. Surgiram o Centro da Mulher Brasileira e as Associações de Mães e Donas de Casa, e foi realizado o Congresso da Mulher Metalúrgica, entre outros encontros e atividades e variadas formas de organização e troca de ideias. Buscava-se dar voz às suas demandas. Surgiram jornais, como o declaradamente feminista *Nós Mulheres*, que tratavam da situação feminina e demonstravam as particularidades das discussões sobre a presença da mulher nos vários campos, nas mais variadas profissões, suas alternativas e formas de participação conjunta na sociedade.

Hoje, já estamos na que é chamada “Terceira onda”, ou “Feminismo 3.0”, fase contada a partir de 1990 que procura aprofundar alguns temas mais sensíveis, chegando de maneira

mais incisiva às discussões ligadas à sexualidade. Continuam na pauta o combate às variadas formas de violência e de submissão, a liberdade de escolha e a ampliação dos direitos reprodutivos e dos direitos sexuais.

O parágrafo 96 da plataforma de ação assinada por 189 delegações mundiais, incluindo a brasileira, em 1995, durante a IV Conferência Internacional da Mulher, em Pequim (China) tratou desses direitos:

Os direitos humanos das mulheres incluem seu direito a ter controle e decisão, de forma livre e responsável, sobre questões relacionadas à sexualidade, incluindo-se a saúde sexual e reprodutiva, livre de coerção, discriminação e violência. A igualdade entre mulheres e homens, no tocante às relações sexuais e à reprodução, incluindo-se o respeito à integridade humana, requer respeito mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades pelos comportamentos sexuais e suas consequências.



As reivindicações sobre os direitos reprodutivos passaram a incluir poder decidir livremente sobre ter filhos e quantos, dispondo das informações e de todos os cuidados indispensáveis que acompanham essa decisão, inclusive um serviço de saúde adequado – o acesso a métodos contraceptivos, de um lado, e, por outro, ao tratamento da infertilidade. A garantia desses direitos envolve toda a sociedade e o Estado, pois necessita de apoio das áreas de saúde e educação e a presença garantida e respeitada no ordenamento jurídico. A plataforma de ações inclui também a licença-maternidade e o acesso a creches e a pré-escolas para as crianças, por exemplo, além de deixar mais clara a necessidade da participação dos homens na criação e no cuidado com os filhos.

As fronteiras se ampliaram e cresceu o reconhecimento efetivo de que o movimento feminista deveria abranger e acolher as muitas cores, etnias, orientações sexuais, nacionalidades, religiões,

origens econômicas e culturais. Hoje, o movimento feminista se apresenta vibrante e abrangente – e, talvez por isso mesmo, voltamos a assistir a um recrudescimento da oposição a ele.

Para concretizar sua aplicação e suas reivindicações, em seu nome surgem lideranças, grupos, associações, conclamação para protestos. Dentro da mesma manifestação do movimento feminista, como em tudo, são abrigadas diversas vertentes, algumas mais radicais, outras mais contemporizadas, flexíveis. Mas todas são apresentadas à sociedade de forma honesta, transparente e com o mesmo objetivo maior como fundamento. O feminismo do século XXI é essencialmente democrático, e o seu desenvolvimento propicia que seja sempre alimentado por inúmeros temas, e, mesmo que alguns soem desconfortáveis, eles precisam vir à tona, à luz do Sol.

Um pouco menos de paciência com a lentidão da tomada de decisões favoráveis às antigas reivindicações também transparece. Grupos combativos apresentando formulações mais radicais surgem em todo o mundo,

expondo-se de forma midiática e, embora pequenos, fazendo uso de técnicas de marketing que conseguem obter grande visibilidade às suas pautas. Essa visibilidade, entretanto, nem sempre conta a favor, porque, para muitos, é demasiado chocante. Contudo, são táticas que precisam ser entendidas em seus contextos específicos como mecanismos de defesa e de garantia dos direitos das mulheres. Esses grupos fazem parte, como vários outros, da enorme diversidade, do leque de temas relacionados atualmente à condição feminina e à sua busca por respeito e por reconhecimento social.

Fortemente combatidos e reprimidos, vários desses grupos têm e tiveram suas integrantes presas ou envolvidas em escândalos e em polêmicas. Exemplos: o Femen, criado na Ucrânia em 2008, que se manifesta sempre com mulheres com os seios descobertos e flores na cabeça. Já esteve mais em evidência, sempre com imagens de suas integrantes esperneando e sendo arrastadas pela repressão em protestos realizados em grandes eventos públicos; o *Riot Grrrl*,

movimento *punk* feminista *underground* formado na década de 1990 em Washington, Estados Unidos, que combina uma visão social feminista com um estilo musical agressivo; o Pussy Riot, grupo *punk* feminista russo que se tornou bastante conhecido por realizar *flashmobs* de provocação política em Moscou, repercutindo mundialmente ao protestarem contra o estatuto das mulheres na Rússia, contra o autoritarismo do governo, contra o *establishment*.

No Brasil, temos a Marcha das Vaidias, que não chega a ser exatamente um grupo, mas um evento feminista anual, com inspiração internacional e com calendário agendado em várias cidades. Promove a luta pela liberdade de expressão, pelo direito das mulheres de escolher a roupa que usam, o tamanho de suas saias, o corte ou o penteado de seus cabelos etc., sem que isso seja desculpa para assédio, ataques sexuais

ou de qualquer outra violação. Manifesta-se contra a misoginia, o ódio, o desprezo e o preconceito contra as mulheres, contra a violência, contra a chamada “cultura do estupro” (nome dado aos valores e costumes existentes na sociedade que alimentam a violência contra as mulheres, jogam a culpa nas próprias vítimas e consideram normais ou perdoam com facilidade comportamentos abusivos e sexualmente violentos dos homens).

A primeira Marcha das Vadias, ou *SlutWalk*, ocorreu em 2011 em Toronto, no Canadá, em protesto contra um policial que negara proteção a uma estudante atacada, sugerindo que ela teria provocado o ataque pela roupa que usava, como se vestir ou não de qualquer forma que seja autorizasse a violência. Como se a violência ocorresse por conta das roupas, e não pela relação de poder que se estabelece entre agressor e vítima. Desde então, as marchas multiplicaram-se em todo o mundo, organizadas por jovens feministas por meio de redes sociais.